

UMA LEITURA BOURDIANA DO “JOGO DO LIXO”

Rosa Maris Rosado

Programa de Pós-graduação em Geografia/UFRGS
rosadomar.geo@gmail.com

Resumo

Este artigo procura, por meio de uma leitura bourdiana, compreender como se produzem as práticas cotidianas na reciclagem de lixo de Porto Alegre, buscando o “lado ativo do conhecimento prático” e procurando captar os “efeitos do lugar” deste jogo. Nesta perspectiva, são conhecidas as contribuições desta teoria percorrendo os vários domínios do espaço social, buscando “desvelar os fundamentos ocultos da dominação”. A intenção, no entanto, não é reduzir esta teoria, trata-se do exercício da busca de estratégias para estender o olhar acerca da realidade socioespacial do “jogo da reciclagem”, tanto no seu sentido mais amplo, macrocosmos do processo da reciclagem, quanto ao sentido mais restrito ao microcosmo de um galpão de reciclagem, a partir de uma perspectiva reflexiva e crítica. Mobilizo as noções de campo, capital e habitus procurando entender como se dão às posições no jogo da reciclagem de resíduos sólidos gerados na cidade. Os agentes enfocados são catadores de materiais recicláveis, que pela catação de lixo podem espelhar a sociedade de consumo. Burlando as regras do ordenamento socioespacial urbano, esses recusam o lugar que, numa determinada circunstância espaço-temporal, os agentes melhor situados no jogo, tentam lhe impor. Rompendo a inércia relativa em que se encontram, os catadores podem se mobilizar em busca de afirmação das qualidades que acreditam justificarem sua existência, os seus “modos de percepção legítima”.

Palavras-chave: Habitus; Reciclagem; Catadores; Lixo.

Abstract

This article seeks to grasp how everyday garbage recycling practices are carried out in Porto Alegre, addressing the active dimension of a practical knowledge and looking forward to capture the effects of the context. Based on a Bourdieu-inspired approach, we intent to discuss different theoretical elaborations on social space in

order to unfold the “concealed basis of domination”. The main purpose is not to reduce the richness of theory but to engage in an exercise of extending the analytical gaze to encompass the macrocosmos of the recycling process – in its broadest sense – and the microcosmos of the recycling sites, through a reflexive and critical perspective. We apply the notions of field, capital, and habitus to analyse how positions on the game of recycling of solid residues are taken. Also, there is a permanent concern with the appropriateness and applicability of these notions since their reformulation might be necessary. The main research subjects are collectors of recyclable materials, whose agency of garbage collecting might as well serve as a mirror of society. Evading the rules of urban sociospatial ordering, the agents refuse the place the dominant agents try to impose. We argue that in breaking their relative inertia the collectors start to affirm their qualities, perception, and existence as legitimate.

Keywords: Habitus; Recycling; Collectors; Garbage.

Introdução

Ciente do contexto no qual foi produzida a teoria Bourdiana, qual seja a França dos séculos XIX e XX, e o distanciamento desta em relação à realidade dos países latino-americanos, procuro com prudência, nesta teoria algumas pistas para compreender como se produzem as práticas cotidianas em um galpão de reciclagem de resíduos sólidos recicláveis em Porto Alegre/RS/Brasil, buscando “lado ativo do conhecimento prático” e procurando captar os “efeitos do lugar” de que nos fala o autor (Bourdieu, 1997).

São conhecidas as contribuições do autor nos campos da sociologia, antropologia, educação, entre outros, buscando “desvelar os fundamentos ocultos da dominação”. A teoria aqui referida é a produzida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu do final dos anos 60 (com as obras *Le métier de sociologue*, *La reproduction* e *Esquisse d'une théorie de la pratique* entre outras) até 2004 (ano de publicação da edição em português do livro *Esboço de auto-análise*, lançado 2 anos após seu falecimento).

O conceito de espaço social, difundido na sociologia, é utilizado para designar sobretudo o campo de inter-relações sociais. Todo o sistema de interações se inscreve em um espaço em que se associam o lugar, o social e o cultural. A sociologia, para



Pierre Bourdieu, pode apresentar-se como topologia social na medida em que representa o “mundo social em forma de um espaço (com várias dimensões) constituído na base de princípios de diferenciação e distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades que atuam no universo social considerado” (Bourdieu, 1997). O espaço social é entendido, nesta perspectiva, como “campo de forças” onde os agentes sociais se definem pelas posições relativas. Assim, o mundo humano torna-se o espaço de relações construído de acordo com as posições no jogo e com a avaliação que deles fazem os atores sociais.

A intenção não é a de reduzir a teoria de Bourdieu, trata-se do exercício de buscar estratégias para estender o olhar acerca da realidade socioespacial do “jogo” da reciclagem em Porto Alegre, tanto no seu sentido mais amplo, macrocosmos do processo da reciclagem como um todo, quanto ao sentido mais restrito, do microcosmos de um galpão, a partir de uma perspectiva reflexiva e crítica.

Esse autor fez um esforço para reencontrar a espessura da realidade social e fazer ressurgir as dores que se ocultam nela, desafiando os políticos a “saírem de sua estreita visão” e assumirem “todas as esperanças difusas” existentes entre os grupos sociais (Bourdieu, 1998). Atento às “minúcias da empiria” e também aos “objetos humildes” triviais à primeira vista, o autor atrai pesquisadores(as) que, como eu, procuram o invisível no cotidiano.

Campo, Capital e Habitus

Embora essas noções não possam ser examinadas em/por si mesmas, sendo sempre colocadas a prova em uma pesquisa inseparavelmente teórica e empírica, inicio mobilizando as definições encontradas nos escritos de Bourdieu, que considero aplicáveis ao jogo da reciclagem de Porto Alegre. Perfeitamente articuladas, tornam possível explicações acerca das posições ocupadas pelos diferentes agentes no espaço social em questão, em decorrência da circulação desigual de diferentes capitais, não se tratando, no entanto, de determinações lineares, mas de possibilidades de relações e percepções.

Campo é o espaço onde as posições dos atores podem ser fixadas, ou seja, onde grupos ou pessoas ou instituições apresentam qualidades e propriedades distribuídas de maneira desigual, o que faz que tomem posições distintas. Dito de outra forma, “campo é um jogo no qual as próprias regras estão em jogo” (Bourdieu, 1996, p. 29). Cada campo não é absolutamente autônomo, mas tem “certa”

autonomia, pois possui suas próprias regras de organização e de hierarquia social, baseada nos seus próprios capitais, estratégias e interesses. As distorções na compreensão dos fenômenos se devem muitas vezes as diferenças de posição, estas diferenças remetem a diferentes pontos de vista sobre o jogo. A noção de campo por tornar possível apreender a particularidade na generalidade e a generalidade na particularidade é bastante aplicável ao universo da pesquisa que realizo junto às catadoras de materiais recicláveis de Porto Alegre.

A noção de *capital* diz respeito mais as propriedades que atuam nesse campo: que pode ser objetivado ou incorporado. No campo da reciclagem, percebe-se a existência de uma distribuição desigual de capitais nos seus diversos tipos: simbólicos, culturais, econômicos, sociais e espaciais. A questão da reciclagem, abordando o *capital econômico*, do ponto de vista objetivado, na sua forma material, é debatida no campo acadêmico dentro dos estudos sobre a economia informal, cuja heterogeneidade tem tornado cada vez mais difícil e superficial a sua própria explicação por parte de uma única disciplina, ou seja, da economia (Coletto e Rosado, 2007).

O emprego de trocas simbólicas levanta novas questões relativas à interação em rede de relações em que se inserem os atores sociais e a possibilidade destes modificarem as suas estruturas, favorecendo efeitos emergentes. Sendo assim o capital incorporado – *capital cultural*¹ e *social*² - também influencia nos poderes que definem as probabilidades de ganho em um determinado campo.

O conjunto de disposições, valores e estratégias adquiridas com/ no/ através do espaço pode ser trocada por outros tipos de capitais. Levy (2007) nos incita a pensar a noção de *capital espacial*³, pois se as desigualdades socioeconômicas são reflexo/refletidas do/no espaço, este pode ser visto como um recurso, um valor. Nos chamados processos desterritorializantes (Haesbaert, 2004) aos quais estão submetidas parcelas significativas da população, entre os quais os catadores, observa-se como nas grandes cidades esses sujeitos desprovidos de capital econômico, são também simultaneamente desprovidos desse capital espacial, vivendo “nas sobras” do espaço urbano.

¹ Capital Cultural é um “conceito que explicita um tipo de capital, um novo recurso social, fonte de distinção e poder em sociedades em que a posse deste recurso é privilégio de poucos” (Bourdieu, 1996, p. 32).

² Capital Social é o “conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo” (Bourdieu, 1998, p. 67).

³ Capital Espacial refere-se a constituição de um recurso embasado em a capacidade de manejar a dimensão espacial de algum bem (material ou imaterial) e de valoriza-lo em outro tipo de recurso (político, econômico, simbólico, social) (Levy, 2003).



De acordo com Bourdieu, ao explicitar as relações de dominação vigentes na sociedade, que se concretizam no cotidiano, não pretende decretar a impossibilidade de transformações, pois diz o autor:

“(...) não vejo como as relações de dominação poderiam se realizar sem suscitar uma forma de resistência. (...) A questão não é negar que existe disposições a resistir, consiste em examinar sob quais condições essas disposições são socialmente constituídas, efetivamente desencadeadas e politicamente eficazes.” (Bourdieu, 1992, p. 58)

O galpão pode ser considerado como um espaço de resistência, esta é instituída na medida em que as catadoras⁴ se constituem, simultaneamente, em um grupo de pessoas consideradas excluídas e, também, uma força na luta pelos direitos cidadãos. É preciso reconhecer que as práticas cotidianas de trabalho com o lixo estão sujeitas a certos mecanismos de controle, mas que por meio de ‘táticas’ inovadoras e criativas as catadoras buscam resistir. Portanto, as táticas parecem acontecer nos interstícios desses mecanismos, no contrafogo⁵, jogando com o que lhe é imposto.

A existência do *capital simbólico* pressupõe de alguma forma o atendimento às expectativas coletivas, pois só existe na medida em que é reconhecido como um valor. Capital Simbólico “é um capital, com base cognitiva, apoiado sobre o conhecimento e o reconhecimento” (Bourdieu, 1997, p. 150). Assim como o capital econômico, cultural e social, que é constituído pelas redes de relações, também como o *capital espacial* contribui para situar os agentes em determinadas posições no jogo, por meio de um conhecimento e reconhecimento do e no espaço. Isso não significa, portanto, que o capital espacial seja o mesmo para todos. As desigualdades são óbvias e a composição deste capital não é um dado em si independente do seu uso (Levy, 2007).

Com esses capitais incorporados os agentes formam um *habitus*, que é uma maneira de interiorizar seu modo de agir em um determinado espaço social, como ocorre no galpão. Portanto, o *habitus* demonstra que os atores sociais não são orientados apenas pelos interesses econômicos, mas por regras traduzidas em valores, gostos, lugares, percebendo-os nas suas dimensões objetivas e subjetivas. O *habitus* assim representa a conexão entre a ação individual e as condições sociais e

⁴ Optei por registrar o termo no feminino, pois, no caso das Unidades de Triagem de Resíduos Sólidos Recicláveis de Porto Alegre, a comunidade é composta majoritariamente por mulheres, perfazendo mais de 70% desta. Sendo o gênero feminino preponderante, este enfoque é abordado em minha pesquisa de doutorado sobre o tema, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFRGS/Porto Alegre/RS/ Brasil.

⁵ Fogo ateado ao encontro de um incêndio florestal para impedir-lhe a propagação (título de um dos últimos livros de Bourdieu).

culturais nas quais estão envolvidos os agentes, o que dialoga de forma pertinente com o universo em questão. Dito de outra forma, a noção se configura como sendo “um sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes” (Bourdieu, 1990, p. 53).

Localizo no conceito de habitus, no primado da razão prática, uma disposição incorporada pelas catadoras, buscando “o lado ativo do conhecimento prático”. Bourdieu alerta que em cada grupo é preciso identificar sua posição nas relações da sociedade, suas condições concretas de existência e possibilidades de autonomia ou dependência daí decorrentes. Por isto busco estender o olhar para o processo mais amplo da reciclagem, procurando realizar, por afastamentos e aproximações, uma leitura crítica do acontecer no galpão.

O habitus é uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, ou seja, o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis, ou “capacidades treinadas” e “propensões estruturadas” para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do meio.

Interessa-me, sobretudo, a produção de novas interpretações possíveis sob a forma de estratégias de ação, enfatizando interpretações acerca de como produzem as práticas cotidianas com o lixo e nela se forjam táticas para resistir aos dispositivos de controle presentes. Seguindo a inspiração provocada por Bourdieu, submergindo na particularidade de uma realidade empírica, espacialmente situada, como um “universo de configurações possíveis”, busco perceber quais as posições, as disposições e como se dá a circulação de capitais no jogo da reciclagem do lixo.

Considerando o uso da metáfora do *jogo*, entendo essa noção como algo inerente ao agir social, que pode ser de natureza cooperativa ou conflitiva, na qual os diferentes agentes, com perspectivas comuns ou divergentes, possuem recursos distribuídos segundo posições (espaços) de acumulação de capitais (poderes). Nesta perspectiva, entendemos o espaço social como um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com os meios e fins diferenciados conforme sua posição no campo.

É possível perceber os dispositivos na forma como circulam as informações



sobre os valores dos materiais recicláveis entre os diversos atores que fazem parte desse jogo, quais sejam: a indústria recicladora, os atravessadores, os intermediários e catadores e ainda, o poder público local. Surge daí a indagação: – o que está em jogo no campo da reciclagem além da agregação de valor econômico ao material antes tido como sem valor, o lixo?

Quanto às regras do jogo, para serem compreendidas é necessário ter “o sentido do jogo”, como domínio prático ou necessidade imanente de um jogo. As “regras” do jogo podem, conforme o pensamento bourdiano, alterar-se segundo o interesse dos agentes em função de jogadas, reconfigurando as condições em que ele se desenvolverá. É mediante as acumulações de diferentes capitais, esses agentes podem ampliar, ou reduzir, sua capacidade de produzir novas jogadas e alterando a situação inicial.

A metáfora empregada pode parecer a primeira vista inadequada por trazer um processo socioespacial urbano como um “jogo”, mas aqui se amplia essa idéia não restrita a engrenagem. A vida é um tabuleiro, campo onde se dá a experiência humana onde há espaço para solidariedade, descoberta, transgressão, invenção. No caso da reciclagem: O que está em jogo no campo? Mas, o que é ter “sentido do jogo” da reciclagem? Afinal, qual o objeto de disputa: o lixo ou seu espaço de geração, a cidade?

Embora no nível macro seja evidente a centralidade do mercado, uso aqui a metáfora para ilustrar um conjunto de pessoas que participa de uma atividade, que inclui a catação nos galpões de reciclagem que se relacionam com a coleta seletiva da prefeitura, que obedecem a certas regularidades. Entre todos que ocupam posições no jogo, até em posições “opostas”, observa-se um acordo tácito a respeito do fato de que vale a pena lutar pelas coisas que estão em jogo. Uma certa inércia parece sugerir sobre uma espécie de consciência difusa e confusa de uma cumplicidade profunda entre os adversários inseridos no mesmo campo.

Ligações de confiança, às vezes, de difícil compreensão, que unem os catadores aos, assim chamados, atravessadores. Do ponto de vista empírico, estes pequenos empreendedores, que atuam na interface entre as economias formal e informal, que com a comercialização dos materiais adquiridos das catadoras, não somente como fonte de subsistência, mas seguidamente também fonte de significativos ganhos econômicos. Armazenam o material, geralmente em espaços físicos cobertos até obter uma quantidade considerável, de forma que possam ter maior poder de barganha nas

transações com intermediários, que vendem diretamente às indústrias que o transformam e o empregam nos processos produtivos. Os atravessadores têm os seus próprios depósitos em locais estratégicos para as suas atividades comerciais, isto é, perto do centro da cidade ou nas vilas populares de Porto Alegre. Para recuperar a maior quantidade possível de resíduos sólidos urbanos e para reduzir os custos de controle da qualidade do material, os atravessadores contam com a força de trabalho de um significativo número de catadores, aos quais emprestam os carrinhos e pedem em contrapartida a certeza de que o material não seja vendido a outros. Tal relação de dependência parece se transformar em uma “armadilha” difícil de escapar para a parte mais frágil, isto é, os catadores. Os traços negativos que caracterizam as trocas entre atravessadores e catadores são claramente percebidos por estes últimos, ainda que, nas suas representações, perceba-se alguns aspectos contraditórios, pois em alguns casos estes representam a única pessoa disposta a intervir, de maneira imediata e eficaz, para remediar as situações precárias e difíceis que, não raramente, se apresentam no seu cotidiano (Coletto e Rosado, 2007).

Se o que interessa no jogo é o controle do campo, no caso da reciclagem, a indústria precisa da matéria prima (resíduos triados e beneficiados) obtido de intermediários, que compram de atravessadores que precisam dos catadores para obtê-la. Não importa vencer definitivamente a partida, pois o final do jogo pode simplesmente significar o fim de todos os jogadores (a interdependência na rede da reciclagem). A associação de catadores “precisa” das cargas da coleta seletiva, realizada pelo poder público local para obter os resíduos recicláveis, comercializá-los, gerando renda para o seu sustento e de sua família. Por outro lado, a prefeitura “precisa” da associação de catadores para dar destino a uma parcela significativa (cerca de 30%) dos resíduos gerados na cidade, mas, também, do apoio “político”, no sentido restrito, eleitoral⁶.

Embora, do ponto de vista econômico, os catadores sejam “dominados” no jogo, quanto ao seu “capital cultural”⁷ não se pode dizer o mesmo sem assumir uma postura reflexiva e crítica. Mesmo levando em conta alguns poucos atravessadores que já foram catadores, e é obtiveram “ascensão” no campo, ou melhor, mudaram de posição

⁶ Isto é observado na época de eleições municipais, quando candidatos procuram as lideranças de catadores que apresentam forte influência nas decisões da comunidade, pelo capital social que dispõem.

⁷ O autor utiliza o termo para se referir a um capital cultural erudito (com relação a arte, cultura letrada e institucionalizada), utilizo para me referir a esse saber popular que os catadores produzem na sua vida e no seu fazer cotidiano com o lixo, ressignificando a cultura dominante. Ao contrário do que se pensa geralmente das situações de pobreza como uma relação automática, baseada apenas em ‘necessidades’, há entre os recursos e as práticas que se articulam, produção de saberes da experiência.



no jogo, pouco têm incorporado de saberes acerca dos detalhes da identificação dos materiais pelo tato, pelos sons emitidos, etc. Que saberes são esses? E como esse “capital cultural” é colocado em circulação?

Todo o campo social tende a obter, daqueles que nele entram em relação, o que Bourdieu chamou de *illusio*⁸. A idéia de *illusio* é pouco divulgada e não aparece como uma noção básica que é rapidamente associada à obra desse sociólogo, no entanto, ela se liga umbilicalmente tanto à idéia de habitus quanto à de campo, tendo também uma associação, mais mediatizada e não tão direta, com a idéia de violência simbólica.

“Os jogos sociais são jogos que se fazem esquecer como jogos” (Bourdieu, 1996, p. 139), mas as contradições explicitam-se na composição da *illusio*, na riqueza e na diversidade de possibilidades expressadas nas dinâmicas variadas desencadeando mudanças contínuas na jogo da reciclagem de Porto Alegre. Jogar nesse campo é concordar com o essencial do que é tacitamente exigido por esse campo, saber que ele é importante.

O posterior retorno às ruas de algumas catadoras, após terem se inserido no galpão, pode significar uma transgressão as regras, um movimento contra a invisibilidade social, reafirmando sua luta cotidiana pela sobrevivência, sua adaptação ao jogo. Neste momento alerta para os “processos de naturalização das escolhas e do pensamento estatal” que ao constituir um projeto social de inclusão das catadoras nos galpões, não reflete sobre as diversidades e singularidades dessas, sobre as diversas formas de ser e estar catadora. Este processo pode ser caracterizado como um tipo de violência simbólica, isto é, “de inculcação de significações e que legitimação de distinções sociais, exercida pelos agentes autorizados pela instituição” (Bourdieu, 2005, p. 231), neste caso, pelo poder público local com a intenção da “inclusão social”, mas que as torna ainda mais socialmente invisibilizadas.

Mas, contraditoriamente, o retorno à rua significa, além do aumento do esforço físico, estar à mercê de intempéries e outros reveses inerentes ao trabalho nas ruas. Enquanto para a cidade da mobilidade rápida a presença das catadoras na rua, significa transtorno no trânsito, para a gestão da prefeitura pode significar perda de votos, para os atravessadores pode significar ter mais trabalho para captar os materiais em diversos locais da cidade e enquanto para a indústria, o elo mais forte do

⁸ *Illusio* (palavra que vem do grego- *ludus*- que significa jogo), para Bourdieu, é estar preso ao jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena ou, para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar.



ponto de vista econômico da rede da reciclagem, pode não influir em nada, exceto alguma ínfima redução no seu vasto lucro diante da economia de não extrair a matéria prima nos cada vez mais escassos “recursos naturais”.

Nessa posição no jogo, as catadoras apresentam a possibilidade de espelhar a sociedade estando na rua, rompendo com as regras do ordenamento socioespacial urbano. Este grupo social recusa o lugar que, numa determinada circunstância espaço-temporal os agentes, melhor situados no jogo pelos capitais que dispõem, tentam lhe impor e, rompendo a inércia relativa em que se encontravam, podem se mobilizar em busca da “afirmação das qualidades que acreditam justificarem sua existência” (Porto- Gonçalves, 1999, p. 69).

A conquista da própria existência do Movimento Nacional de Catadores, o MNCR, é uma possibilidade de romper com o silêncio, a invisibilidade e o isolamento de centenas de catadores e com a sua insistente inexistência para os indivíduos que acumulam maiores capitais. Afinal, como aponta o geógrafo Carlos Walter Porto Gonçalves, a expressão movimento social se compreende, pelo forjar de identidades coletivas, um sentido geográfico muito preciso: é que o vemos como aquele processo através do qual um determinado segmento social recusa o lugar que, numa determinada circunstância, outros segmentos sociais tentam lhe impor.

Por isso, a construção de uma identidade coletiva é possível não só devido às condições sociais de vida e trabalho semelhantes, mas, também, por ser percebida como interessante, pois reforça que estas condições são oriundas de um processo e não uma inevitabilidade histórica ou natural. Na afirmação dessa identidade coletiva há uma luta intensa por afirmar os seus “modos de percepção legítima”.

Há um reconhecimento por parte do poder público das lideranças de catadoras, das pessoas que assumem centralidades no jogo. Pois, estando submetidos a “certos dispositivos de dominação”, esses não são totalmente bem sucedidos, sendo as agentes mais “vulneráveis” neste jogo, as catadoras ousam quebrar as regras predeterminadas pelo ordenamento socioespacial urbano e podem, assim estar, mostrando a ineficiência do poder público em mediar o jogo, pela própria inadequação das regras estabelecidas à sua presença. Estas inadequações, sendo incorporadas as discussões no campo acadêmico que se referem à gestão dos resíduos sólidos, podem vir a pesar no campo político, principalmente, no que tange as disputas pelo poder local e no envolvimento da população com a questão.

Para adequar o itinerário de recolhimento os catadores de rua, esta forma



determinada de inserção no espaço urbano, levam em conta as exigências dos próprios fornecedores, evidenciando, de certa forma, uma significativa adaptabilidade do serviço informal fornecido. Tal adaptabilidade contrasta, em muitos aspectos, com a não adaptabilidade do serviço de coleta seletiva oficial oferecido pelo DMLU (Departamento Municipal de Limpeza Urbana), para o qual é o gerador quem de fato deve se adequar às exigências do órgão. De uma maneira geral, os acordos informais que ligam catadores a geradores de resíduo reciclável contribuem com a constituição de uma contra-ordem social, ainda que parcial e instável, na qual os catadores de lixo desenvolvem, com maiores garantias, as suas atividades, favorecendo sua ocorrência na contra-mão da coleta institucionalizada e regulamentada pelo poder público local (Coletto e Rosado, 2007).

A Invenção do Habitus Catador

“Levar a consciência os mecanismos que fazem a vida dolorosa, não é neutralizá-los; explicitar as contradições não é resolvê-las. Mas, por mais cético que se possa ser a mensagem sociológica não se pode anular o efeito que ela pode exercer ao permitir que os que sofrem descubram a possibilidade de atribuir seu sofrimento a causas sociais e assim sentirem-se desculpados; e fazendo conhecer amplamente a origem social, coletivamente oculta, da infelicidade sob todas as formas, inclusive as mais íntimas e secretas.”
(Bourdieu, 1997, p. 735)

Assim, buscando analisar o jogo da reciclagem por meio de um olhar mais amplo, que o de uma política pública de geração de renda, e perceber como se estabelece relação do catador dentro do processo mais amplo do mercado da reciclagem, isto é, a sua atitude, muitas vezes, de aceitação do estado de coisas existente, encontrei na noção de habitus uma contribuição relevante para essa compreensão. O habitus não reside nem na consciência, nem nas coisas, mas na relação entre elas, isto é, entre a história objetivada nas coisas e a história encarnada nos corpos sob a forma de disposições. O corpo está no social e o social está no corpo. E a incorporação do social que é o fundamento da presença mundo social, que supõe esta experiência comum desse mundo como evidente (Bourdieu, 1992). O habitus é o elemento que confere às práticas sua relativa autonomia em relação às determinações externas do presente imediato. Por ser espontaneidade sem consciência ou vontade, o habitus não se confunde nem com a necessidade

mecânica, nem com a liberdade reflexiva dos sujeitos das teorias racionalistas (Bourdieu, 1996).

O habitus é o mecanismo pelo qual as condições objetivas de existência moldam as maneiras de sentir, pensar e agir daqueles que as sofrem, disposições direcionadas diretamente para o corpo. É um princípio de produção, e até de invenção, mesmo que dentro do quadro estrito imposto pelas estruturas nas quais se formou. Através do habitus são introduzidos o agente (catador/catadora), a ação prática (catação) e talvez a recusa a um olhar crítico que não deixa de ter uma certa “afinidade” com as disposições e posições políticas vigentes. As raízes das ações, que parecem instintivas, podem ser localizadas no repertório das práticas que a catadora por suas vivências anteriores (na catação de rua com seus pais, como é trazido na conversa com algumas). Assim, uma das características definidoras do habitus catador é a aprendizagem pela convivência no meio em que as ações se desenvolvem.

O habitus, como social inscrito no corpo no indivíduo biológico, permite produzir uma infinidade de atos de jogo, o estado de possibilidades e de exigências objetivas, as coações e as exigências do jogo. Ainda que não estejam reunidas num código rígido de regras, aqueles que tem o “sentido do jogo” estão preparados para perceber-las e realizá-las. Para aqueles que tem o “sentido do jogo” da reciclagem, a triagem de diferentes tipos de materiais recicláveis, os dispositivos de “valoração” destes materiais considerados de maneira genérica como lixo, estão presentes no seu sistema de representação como possibilidade de renda. Isto é algo que transcende ao espaço físico do galpão, assumindo uma maneira de ver e de agir cotidiana, portanto, um habitus catador.

Assim, habitus catador parece ser incorporado por meio dos saberes da experiência de trabalho com o lixo, no processo de ocupação de uma posição no jogo da reciclagem e internalizado nas formas de agir cotidianas, sendo aproveitado pelo mercado de recicláveis que dele faz uso. O caso de T. (43 a) é exemplar neste sentido. Ela não trabalha a mais de 1 ano no galpão, leva material reciclável descartado do seu atual local de trabalho para vender, afirmando que é para “juntar dinheiro” para o aniversário de 15 anos de uma de suas filhas, hoje com 12 anos. No jogo da reciclagem, a transposição destas disposições permitiria estender, para além do espaço físico do galpão, as condutas que aí se cultivam compondo, também, outras esferas da vida.

No entanto, a noção de habitus pode, ainda, ser vista como algo que constrange



os agentes a comportamentos específicos, exteriores aos próprios atores, produto do jogo de forças dentro desse campo social, onde se estruturam e se solidificam as práticas e as atitudes consideradas legítimas. Neste caso, o habitus resulta da interiorização da inferioridade e da desigualdade social, sob a forma de disposições inscritas no ordenamento do espaço e na consciência do inalcançável. No dia-a-dia do galpão as catadoras têm acesso a embalagens de produtos que não fazem parte de seu modo de consumo e que, levando em conta seu poder aquisitivo, não poderiam acessar.

Há nas relações cotidianas de trabalho com o lixo, no galpão o desenvolvimento de múltiplas estratégias de sobrevivência, que conformam toda uma cultura, um habitus catador. O habitus catador é responsável atualmente pela ressignificação de um percentual considerável de materiais recicláveis que são encontrados nos resíduos sólidos urbanos, que assumem por meio deste um outro valor, tendo aí a justificação do seu agir cotidiano no campo da reciclagem. Através do jogo da reciclagem, através das suas práticas, realizam um verdadeiro milagre: "eles conseguem fazer crer, aos indivíduos consagrados, que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor, que sua existência serve para alguma coisa" (Bourdieu, 1996, p. 106), em outras palavras, não são "descartáveis", como se queria fazer crer.

Este habitus é produto de uma experiência passada e presente, não se mostrando totalmente estático, mas implicando em práticas e representações que não são totalmente determinadas, nem totalmente livres. Às vezes, os agentes parecem não se adequar a nenhuma outra atividade que tiveram a oportunidade de exercer. Há várias situações exemplares neste sentido, de catadoras/catadores que "arrumaram outro serviço" e não se adaptaram retornando para o galpão.

Mesmo que não apareça como uma construção lógica, o habitus catador pelo seu agir dá outro sentido ao lixo que, considerado como desordem pela sociedade em geral, é ressignificado por ele como ordem. Essa ressignificação é a sua forma de assumir um "compromisso com a reciclagem" imanente a esse jogo e de ser reconhecido por isto.

Ao contrário da relação de afastamento que a sociedade tem do lixo que gera, quem como ele trabalha tem uma relação de aproximação. Aqui se observa uma relação íntima entre o espaço corporal e espaço social, pois com habitus catador inscrito no corpo, este requer do sujeito uma certa habilidade criativa quanto ao treino de seu corpo para a função na seleção de material.

Um estudo etnográfico sobre o cotidiano dos catadores da Ilha Grande dos Marinheiros (Porto Alegre/RS/BR) demonstra que mesmo com todos discursos sobre lixo como causador de doença que, além da visão biomédica, são carregados dessa relação de distanciamento, os catadores persistem atribuindo valor positivado ao lixo, uma vez que este ocupa lugar privilegiado em suas vidas, ordenando seu mundo. Nas palavras da pesquisadora: “O lixo não ofende a ordem pela qual o mundo das pessoas que com ele convivem se organiza, pelo contrário, ele faz parte dela. Ele não confunde o esquema geral através do qual o mundo é visto, ele próprio é ordenador desse mundo” (Sosniski, 2006, p. 37).

Esta resignificação do “lixo”, de objetos tidos como lixo, se apoia em entendimentos diferenciados do seja “bom” ou “ruim”. A contribuição da leitura bourdiana vem na direção da politização desta valoração, passa a ser relativo também a diferentes esferas de ação social. Para Bourdieu, a classificação dos valores é objeto de uma luta entre os grupos sociais que ocupam posições distintas num espaço social.

A disputa em torno de diversos valores atribuídos ao lixo é o que está em jogo neste campo, assim como os privilégios e a distribuição das riquezas produzidas, materiais e simbólicas, que são orientadoras da percepção desse valor. O conjunto de valores assumidos pelos diferentes grupos muda, assim como também mudam os valores dominantes de uma sociedade para outra de uma época para outra.

Mas, como tornar visíveis determinados valores legitimados por esse grupo social? A importância da reciclagem tem sido, cada vez mais, exaltada, como relevante para a sustentabilidade planetária, no entanto, os agentes que a realizam no cotidiano das cidades seguem sob olhar discriminador ou indiferente. Os valores tidos como “corretos” com relação ao lixo pela sociedade moderna (visão higienista) são claramente definidos em oposição aos percebidos pelos catadores. Como então perceber os valores de sustentabilidade e possibilidades de transformação agregados à tarefa árdua da catação de lixo?

Na leitura bourdiana, os valores, assim como outras dimensões da vida social, não se realizam unicamente nos indivíduos nem nas instituições, mas em ambos, pensados como dois estados do mundo social. O capital econômico permite o distanciamento com coisas e pessoas indesejáveis (o lixo e quem com ele trabalha), ao mesmo tempo, que aproxima as desejáveis minimizando o gasto para delas se apropriar (bairros próximos do centro ou com comércio local bem estruturado, para



consumir mais e gerar mais lixo). A falta deste capital prende ao lugar, priva do direito à cidade. A privação dos deslocamentos, o disciplinamento dos corpos (Foucault, 1987:127) e convertido em estruturas espaciais naturalizadas como inclusão social. Entretanto, outros capitais aí circulam e não são percebidos, pelo menos de imediato, sem um olhar mais atento para o campo do lixo.

Capitais no Lixo

Os bens simbólicos ligados ao pertencimento a um grupo não são todos quantificáveis, sendo alguns deles imateriais. O pertencimento a uma associação para muitos catadores, cuja existência é marcada pela pobreza e extrema exclusão, torna-se o primeiro passo de um processo de reconstrução tanto da confiança em si mesmo, quanto no outro. As formas de ajuda recíproca que nascem e se consolidam no interior destes grupos sociais favorecem um processo de articulação em redes de relações sociais cada vez mais amplas cuja existência parecia, em certos casos, estar caracterizada de modo permanente pela ruptura das relações sociais.

De uma maneira geral, a “solidariedade”, de diferentes formas, parece ser um elemento comum nas narrativas dos catadores visando construir uma determinada ordem social no interior de cada associação. Tal solidariedade é promovida e construída através de práticas cotidianas e estratégias de ação que podem ser ainda muito diferentes entre si (Coletto e Rosado, 2007).

Entretanto, o essencial do que se vive e vê no campo são as evidências mais impressionantes e as experiências de trabalho com o lixo que demonstram estar o seu princípio completamente noutra lugar. Nesse campo, fica claro o alerta de Bourdieu, quando afirma: “Não há espaço social em uma sociedade hierarquizada que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e distâncias sociais, sob a forma mais ou menos deformada e, sobretudo, dissimulada pelo efeito da naturalização” (Bourdieu, 1997, p. 260). Esta citação remete as várias situações narradas pelas catadoras quanto a proibições e obrigações as quais são submetidas pelas coordenações nas diversas associações. Algumas vezes, as relações de trabalho nas associações seguem a lógica dominante no mercado de trabalho competitivo, conduzidas pela hierarquia e pelo autoritarismo. Essa contradição de compor uma associação e estar sujeito a imposições por parte coordenação, é conteúdo recorrente das conversas cotidianas no galpão. Essas situações algumas vezes acabam naturalizadas: “afinal ela sabe o que é bom para nós”, diz-se com relação à



coordenação da associação. O que faz crer que há, os “de cima” e os “de baixo” lá mesmo entre os “de baixo”, assim como há os “de baixo” entre os “de cima”. As lutas cotidianas são, enfim, mais complexas do que fazia crer a dialética restrita a relação “dominantes *versus* dominados”.

Os procedimentos adotados parecem ter relação com noção de tática proposta por De Certeau (2001) na leitura das práticas cotidianas. A forma como o autor define “tática” reflete aquilo que, para mim, tipifica o agir dos catadores: a prática do desvio de função, pela qual o uso previsto para os objetos, lugares, ruas, e até instituições, é subvertido. Esse conceito de tática elaborado por Michel De Certeau pode auxiliar na compreensão dos recursos os quais os catadores lançam mão frente às situações de cobrança pelo poder público local, quanto à quantidade e qualidade de “rejeito”⁹ retirado do galpão. Estas táticas são vistas como iniciativas tomadas pelos indivíduos no sentido de reagirem contra a regra do poder instituído, utilizando de brechas existentes no interior desse poder.

A posição assumida pelo poder público local na disposição dos resíduos, via coleta seletiva, deve ser relativizada, na medida em que a coleta formal encaminha para o galpão, conforme as conversas com as catadoras, somente a “borrega” (materiais misturados ou rejeito), enquanto os catadores de rua coletam o “filé” do lixo (materiais recicláveis, com valor econômico). Parece haver, como alerta Bourdieu, não apenas um jogo, mas a uma série de jogos concomitantes e diferentes, embora o que aconteça em um interfira em outro.

Quero aqui destacar que práticas cotidianas (culturais) demonstram a existência de um aprendizado informal, difundido por instâncias não consideradas como legítimas. Para isto, é interessante aqui considerar contribuições de Ortiz (1994), onde aponta que a modernidade traz novos valores, novos padrões globais e hegemônicos conferindo prestígio àqueles que o interiorizam. Assim, formas tradicionais de cultura, entre elas às veiculadas pela escola, deixam de ser as únicas formas de distinguir os grupos sociais.

É importante destacar que ao formular o conceito de Capital Cultural, Bourdieu não desconsidera a existência dos grupos populares na disputa pela cultura legítima, embora não seja este seu enfoque até pelo contexto em que se debruça. No entanto, pensamos que o mesmo concordaria com a inferência de que diferentes formas de

⁹ Resíduos presentes no lixo seco que não apresentam valor econômico, ou por estarem sujos ou não haver quem os compre.



capital cultural entre os segmentos populares podem impor uma diferenciação interna entre eles.

Este capital cultural circula nas redes de sociabilidade dos catadores. As condições para a circulação dos saberes da experiência de trabalho com o lixo certamente favorecem os contatos, as trocas e, portanto, a transmissão mais assegurada de valores identitários que compõe o habitus catador no galpão. Neste sentido, a herança de cultural, valorizada, teria mais condições de ser apropriada no processo de convivência. Este capital aberto predispõe e potencializa o indivíduo a enfrentar os desafios e os limites desta experiência. É possível assim pensá-lo como um capital com outra significação, o “capital cultural dos desfavorecidos”, apreendido informalmente em heterogêneas experiências, no seu espaço de convívio social, o galpão, na sua luta cotidiana pela sobrevivência, notadamente no contato com informações disponibilizadas pelos seus pares na troca e na reciprocidade.

A noção de Capital Social também é relevante na reflexão sobre como as catadoras chegam a posição que chegam no jogo, a partir do conjunto de dispositivos que lançam mão nas relações estabelecidas em rede. O reconhecimento, o prestígio e a autoridade de catadoras como a C., me parece exemplar neste sentido. Ao longo de sua trajetória de vida foi incorporando o seu capital social, que foi delineando sua posição no campo. Do ponto de vista do “capital cultural” (esse saber da prática), a catadora traz consigo as experiências e vivências da rua, das lutas por melhorias nas condições de vida e trabalho, bem como, as conquistas para o grupo que a fortaleceram ainda mais sua liderança, levando-a a assumir a centralidade na rede de relações na Associação de Catadores do Loteamento Cavalhada. O retorno à catação de lixo nas ruas, realizada com carrinho à tração humana, é um habitus já inscrito em seu corpo dessa catadora, quando ainda residia na Vila Cai-cai¹⁰.

Quando a distribuição desigual de capitais simbólicos neste campo pode-se trazer a tona à invisibilidade a qual as catadoras do galpão estão submetidas durante sua prática cotidiana de trabalho com o lixo. O retorno à catação na rua, mesmo contradições e ambigüidades explicitadas, pode representar uma luta pela apropriação do espaço da cidade.

¹⁰ Ocupação irregular situada às margens do lago Guaíba, onde residiam alguns dos atuais moradores do Loteamento Cavalhada.

A precariedade do ambiente

“A precariedade está por toda parte, desestrutura a existência e as estruturas temporais e degrada toda a relação com o mundo e, em consequência, com o espaço. Essa precariedade afeta profundamente qualquer homem ou mulher exposto aos seus efeitos, tornando o futuro incerto, ela impede qualquer antecipação racional e, especialmente, um mínimo de crença e de esperança que é preciso ter para se revoltar, contra o presente, mesmo que mais intolerável.” (Bourdieu, 1998, p. 120)

Essa “miséria da posição” que o autor se refere, do ponto de vista da experiência nos galpões, no trabalho precarizado, encontra-se majoritariamente mulheres, fato que deve ser salientado, fortemente associado ao processo de feminização da pobreza¹¹. Tomando o jogo “mais amplo” da reciclagem, essa situação comparada à dos lixões espalhados pelo país, é a referência utilizada no cotidiano por elas para servir de consolo as mazelas ou condenar as queixas. Nas conversas com as catadoras aparecem falas como: “Tem gente que não tem isto que nós temos, não podemos nos queixar”. Parece haver então uma aceitação do “estado das coisas”.

Perceber e compreender todos sofrimentos e constrangimentos neste jogo é uma necessidade que tem se multiplicado, principalmente pelo vertiginoso aumento da atividade da catação de lixo nas cidades. Esta precariedade como estratégia, assim como a própria “flexibilidade” do mercado de trabalho, é inspirada por questões tanto econômicas como políticas, é produto de uma vontade política e não mera fatalidade econômica identificada de maneira genérica como “globalização” (Bourdieu, 1998).

Os grupos sociais existem ao mesmo tempo na realidade objetiva das regularidades e coações instituídas e representações (*habitus*) e, também, nas estratégias de resgate de negociação e de blefe, destinadas a modificar a realidade modificando as representações (Bourdieu, 1996). O autor remete-nos ao pensamento que situa as representações, expressas através da linguagem, no âmago das relações de poder.

Nas narrativas das conversas cotidianas identifico, recorrentemente, as representações sociais de ambiente das catadoras, relacionando sua atividade à “preservação da natureza”. Esta expressão é empregada e repetida inúmeras vezes

¹¹ Contudo a *feminização da pobreza* não pode ser tomada literalmente como crescimento do contingente feminino entre os pobres, “(...) mas como o aumento da visibilidade estrutural da pobreza das mulheres” (CASTRO, 2001, p. 91).



pelas catadoras nas visitas de escolas, e outros grupos, ao galpão. Embora este discurso venha associado a práticas consideradas “ecologicamente incorretas” e não refletidas. Nesta discursividade, para além da contradição inerente a condição humana, pode estar presente uma tática para permanecer no jogo, e dele tirar proveito.

As respostas aos questionamentos sobre a relação entre o trabalho com o lixo e a “preservação ambiental”, não parecem respostas refletidas. Aparecem como discursos prontos e estratégicos sobre a questão ambiental, ou como uma “disposição incorporada”, como Bourdieu aponta, um impulso para fazer a coisa de determinada forma, algo tido como aceitável e adequado. Esta forma incorporada às práticas cotidianas, que as estruturam socialmente no trabalho com o lixo, são apreendidas por meio das sociabilidades no galpão.

É nesta medida que as conversas cotidianas no galpão podem ser compreendidas com relação ao poder. Os exemplos são vários e constroem um vocabulário específico que as identifica, as nomeia e atribui coerência, significado e valor ao seu mundo. Enquanto representação, elas partilham da aludida capacidade “mágica” e são capazes de contribuir para a existência do jogo da reciclagem. O discurso depende das relações de poder que se estabelecem concretamente entre jogadores, entendidas, às vezes, como capacidade de produção e capacidade de apropriação ou controle do espaço.

Virando o Jogo

Os fatores mais favoráveis à mudança aparecem nas práticas cotidianas das organizações de catadores, que buscam ir além da mera sobrevivência, de tal forma devem contribuir para dissociar a imagem do catador de lixo daquele sobrevive graças às políticas públicas assistencialistas. É da forma de agir, do habitus catador, que podem surgir táticas nas brechas do que é imposto, nas quais os dominantes têm dificuldades de intervir. As rupturas podem ter conseqüências graves e não previsíveis para parte dos jogadores. O receio em relação à mudança das regras é maior por parte de quem tem mais a perder. Desta forma os “estabelecidos” (a indústria recicladora, os intermediários e a prefeitura), os que estão em posição mais confortável no jogo estarão menos dispostos a mudança, pois isto requer correr riscos de perder capital, seja de qual for o tipo: econômico, social, político...

Apesar das incertezas e dificuldades, as catadoras conseguem lançar mão de



uma base comum sobre a qual podem produzir uma forma de “capital cultural” e as suas representações. Este capital aparece com a resignificação do lixo, por exemplo, e é adquirido pela catadora, podendo ser incorporado como disposição durável, que se traduz em formas de agir em relação ao lixo. Esses “saberes do lixo” facilitam a troca e a reciprocidade entre elas, favorecendo uma maior difusão da confiança interpessoal no grupo, que vai além de um simples agregado de catadores. Penso que os catadores são, neste jogo, os que mais arriscam, pois tem menos a perder, é partindo deles que podem surgir potenciais formas criativas de estabelecer o jogo da reciclagem na cidade.

Assim, a catadora e o catador parecem tornar-se, com as barreiras a serem superadas, agentes que participam tanto para a melhora das próprias condições de vida, quanto para repensar uma política de coleta seletiva de resíduos urbanos que concilie de maneira mais eficaz, as suas múltiplas dimensões, econômica, socioambiental e cultural (Coletto e Rosado, 2007).

Quem está ganhando o jogo? Não penso que as/os catadoras/es estejam ganhando, mas sim que estejam na busca de táticas para, de certa maneira, “resistir ao controle do campo” e na procura dessas táticas podem desacomodar as demais posições no jogo. Isto pode forçar uma ruptura que possibilite constituir uma nova forma de gerenciar os resíduos recicláveis da cidade, na qual esses agentes assumam centralidade, legitimados, ou não, pelo poder público local.

A cidade para acolher a civilização da mobilidade motorizada, da velocidade e independência dada pelo transporte próprio, impede a circulação no espaço urbano das pedestres-catadoras. As necessidades da mobilidade rápida invadem o espaço público acentuando a sua decadência como lugar de encontro, socialização e expressão. Este é o objetivo que se impõe à cidade: automóveis e “caminhantes” (isto é, os que se deslocam a pé ou em transportes públicos no quais o passageiro permanece pedestre) produzem distâncias e proximidades diferentes e um forte poder de estruturação do espaço urbano. O automóvel possui efeitos diversos: ele consome, polui e destrói espaços públicos, unificando as escalas. “Cada indivíduo fica fechado em seu carro como em uma concha: lugar da solidão, lugar da dessocialização”, como aponta Moscovici (2007, p. 206). Aumenta o número de interações possíveis em relação ao tempo, mas pelas separações e diminuição da densidade que ele engendra, reduz a parte do potencial de socialidade e de contatos mais diretos entre as pessoas. Trata-se, portanto, de uma urbanidade relativa, na qual a cidade é vivida



de forma desigual, isto é, os capitais espaciais nela circulam são diferenciados.

Reflico, então, que as alternativas que se forjarem com relação à gestão dos resíduos sólidos recicláveis da cidade, somente serão efetivas se emergirem dos próprios catadores, representando seus anseios, aproximando-a realmente deste grupo social, ultrapassando as meras medidas de delimitação de espaços para realização da sua atividade.

Nesse sentido interpreto que C. é uma boa jogadora, pois tem o “sentido do jogo”, com o habitus catador, inscrito em seu corpo, ela segue nos dias atuais, faça chuva, faça sol, livremente pelas ruas da cidade a coletar os restos e as chances de sobrevivência sua e de sua família. Afinal, “ter sentido no jogo é tê-lo na pele” (Bourdieu, 1990, p. 82). , e esta catadora tem o sentido do jogo da reciclagem de Porto Alegre na sua pele, com a tonalidade de quem recebe sol cotidianamente, no ir e vir pelas ruas da cidade... um corpo que incorporou as estruturas imanescentes de um mundo, de um campo, no qual o jogo da reciclagem se dá. Ter o jogo na pele é ter seu sentido, é perceber no estado prático o futuro do jogo, é ter o senso histórico do jogo... anunciando o que está por vir.

A antecipação do bom jogador é imediata, uma capacidade de tomar decisão no momento certo, em relação a algo que não é imediatamente percebido e disponível, mas que é como se sempre estivesse ali, um próximo passo que parece “natural”. Com seu capital simbólico, apoiado no conhecimento e o reconhecimento da reciclagem, C. segue antecipando o porvir. Assim como ocorreu aí a incorporação do discurso ecologista da reciclagem, com interesse inicial de “agradar”, de melhorar a separação dos resíduos pelos “clientes” (geradores de lixo) e que por desinteresse, foi sendo incorporado ao habitus catador e inscrito no corpo. O interesse econômico – entendido exclusivamente como a geração de renda para sua subsistência e de sua família – não é, portanto, a única dimensão que influi nestas “escolhas”. Mesmo que bem presente esta dimensão não aparece isolada das outras dimensões. Portanto, reafirmo que é preciso repensar a política de coleta seletiva de resíduos sólidos em suas múltiplas dimensões.

O campo do lixo surge como uma configuração de relações socialmente estabelecidas, pela distribuição das diversas formas de capital – simbólico, cultural, espacial, econômico – os agentes participantes do campo, no jogo da reciclagem, são munidos com as capacidades adequadas ao desempenho das funções e às práticas que o atravessam. É o momento de reafirmar o pensamento de Bourdieu, sob suas

formas variadas, como aplicável no âmbito da educação ambiental e da geografia em pesquisas especialmente ligadas à investigação empírica. Este autor abriu um campo de investigação que abarca vários setores de manifestação da ação social, numa busca por entender os sentidos dos elementos contemporâneos da vida social de instituições e de sujeitos, que são bem pertinentes, com as ressalvas já salientadas, a pesquisas que contemplam o universo da catação de lixo.

Diante das possíveis reviravoltas na cidade, provocadas pela ação da catação nas ruas, estes agentes parecem estar “recusando” o lugar que lhes estava reservado no espaço urbano pela “boa vontade” do poder público local – a Unidade de Triagem – como efeito de adequação a um sistema de ordenamento socioespacial urbano que incide sobre todos cidadãos, identifico a necessidade de criação de instrumentos novos, que se abrem a partir das perspectivas trabalhadas por Bourdieu, no âmbito da reflexividade do olhar para a experiência. Assim, tomando como base às narrativas das conversas cotidianas com as catadoras, busco interpretar a rede da reciclagem para além da geração de renda e suas estruturas subjetivas que compõe o que chamei de habitus catador.

Desta forma sigo atenta aos dispositivos empregados pelos catadores para afirmarem seu “modo de percepção legítima” (Bourdieu, 1990) do próprio espaço, isto é, pelas lutas e tensões pelo poder de nomear e se fazer reconhecer, valorizando suas identidades e sua presença no espaço urbano, atualizando possibilidades de nele inscrever seu habitus catador. Com relação à “inclusão social por meio da coleta seletiva” observo que as catadoras presas às urgências da vida submetem-se o estabelecimento de relação de dependência com o poder público local, como regulador das atividades relativas aos resíduos sólidos. No entanto, não basta estar no espaço de geração de renda e ter relação com o mercado, isto consiste em uma visão economicista do processo.

É necessário o fortalecimento de vínculos identitários entre as catadoras e sua articulação em rede aproximando-as, fomentando uma “cartografia de relações” que reforce sua ação política para reivindicar seus direitos cidadãos e reconhecimento do seu trabalho pela gestão ambiental da cidade. As políticas públicas de “inclusão social” devem levar em conta a multiplicidade e a complexidade de cada contexto simbólico-cultural. Os aspectos fundamentais como o uso do espaço, as formas de organização do trabalho, as trocas simbólicas nas redes de relações que as catadoras estabelecem na prática cotidiana da catação de lixo contemplam essas e outras



mediações culturais que são importantes para sua compreensão.

Enquanto modo de mobilizar-se no espaço urbano, criando territórios efêmeros e dispersos, as/os catadoras/es seguem numa forma ativa de relação com o meio urbano, que pode caracterizada como processo de “espacialização do habitus”. A exposição de si, de quem atua nas ruas, como tática “mobilizada” envolve o questionamento prático das funcionalidades pré-estabelecidas, tanto dos espaços públicos ocupados quanto dos materiais descartados encontrados nas ruas da cidade. Neste jogo se burilam sujeitos políticos, que produzem saberes, valores, cultura, que grafam o espaço urbano por meio de suas práticas cotidianas com o lixo, constituindo-se também enquanto “sujeitos geográficos”.

Referências Bibliográficas

- Bourdieu, P. (1990). *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (1992). *Réponses. Pour une anthropologie réflexive*. Paris: Seuil.
- Bourdieu, P. (1996). *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Ed. Papirus.
- Bourdieu, P. (1997). *A Miséria do Mundo*. Rio de Janeiro, Brasil. Editora Vozes.
- Bourdieu, P. (1998). *Contrafogos: Táticas para enfrentar a invasão liberal*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bourdieu, P. (2001). *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Bourdieu, P. (2004). *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bourdieu, P. (2005). *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Canclini, N. G. (1996). *Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- Castro, M. G. (2001). Feminização da pobreza em cenário neoliberal. *Mulher e Trabalho*, 1, 89-96.
- Coletto, D. & Rosado, R. M. (2007). *Por uma cartografia da reciclagem de Porto Alegre: economia informal, dimensão socio-ambiental e cultural*. In Cólóquio Internacional de Geocrítica, Porto Alegre, RS, Brasil.
- De Certeau, M. (2001). *A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Haesbaert, R. (2004). *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.



- Lévy, J. (s/d). *Os novos espaços da mobilidade*. Tradução: Rogério Haesbaert e Sylvain Souchaud. Disponível em www.uff.br/geographia/rev_06/levy6.pdf
- Lévy, J. (2003). Capital Spatial. In J. Lévy & M. Lussault (Eds.), *Dictionnaire de géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin.
- Moscovici, S. (2007). *Natureza: Para pensar a ecologia*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, Instituto Gaia.
- Ortiz, R. (1994). *Mundialização e cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Porto Gonçalves, C. W. (s/d). *Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades*. Disponível e <http://168.96.200.17/ar/libros/cecena/porto.pdf>
- Sosniski, C. (2006). *Repensando fronteiras entre o lixo e o corpo : estudo etnográfico sobre o cotidiano de recicladores, catadores e carroceiros na Ilha Grande dos Marinheiros*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. UFRGS, Porto Alegre, Brasil.